

Associação Comercial de Pelotas e as identidades coletivas¹

Asociación Comercial de Pelotas e identidades colectivas

Pelotas Commercial Association and collective identities

Leonardo Silva Amaral²

Resumo

O presente texto tem por objetivo desenvolver algumas reflexões sobre indivíduos da elite na cidade de Pelotas, sob a perspectiva da Associação Comercial de Pelotas (ACP), buscando dialogar com as possibilidades de uma identidade coletiva a partir de grupos que se relacionam. A Associação, se tornou um dos principais núcleos de defesa do setor industrial e econômico da cidade, fato que levou a uma forte concentração do que se pode chamar de elite, advinda de diversos espaços, com laços não somente econômicos, como políticos. Dentro dessa condição, é que a presente análise se coloca, ao observar ainda que de modo não muito aprofundado o que pode ter levado, esses indivíduos a se organizarem em um coletivo, a partir de interesses de classe e/ou assumir protagonismos individuais.

Palavras-Chave: Pelotas; Ditadura Civil-Militar; Associação Comercial de Pelotas; Elites; Identidades.

Resumen

El presente texto tiene como objetivo desarrollar algunas reflexiones sobre los individuos de élite en la ciudad de Pelotas, desde la perspectiva de la Asociación Comercial de Pelotas (ACP), buscando dialogar con las posibilidades de una identidad colectiva basada en grupos que interactúan entre sí. La Asociación se convirtió en uno de los principales centros de defensa del sector industrial y económico de la ciudad, hecho que propició una fuerte concentración de lo que se puede llamar la élite, proveniente de diferentes espacios, con vínculos no sólo económicos sino también políticos. Dentro de esta condición se sitúa el presente análisis, observando, aunque de manera no muy profunda, lo que pudo haber llevado a estos individuos a organizarse en colectivo, en función de intereses de clase y/o asumir liderazgos individuales.

Palabras-clave: Pelotas; Dictadura Cívico-Militar; Asociación Comercial de Pelotas; Élites; Identidades.

Abstract

The present text aims to develop some reflections on elite individuals in the city of Pelotas, from the perspective of the Pelotas Commercial Association (ACP), seeking to dialogue with the possibilities of a collective identity based on groups that interact with each other. The Association became one of the main centers for the defense of the city's industrial and economic sector, a fact that led to a strong concentration of what can be called the elite, coming from different spaces, with not only economic but also political ties. Within this condition, the present

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

² Doutorando em História; Programa de Pós-graduação em História - UFPEL; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; amaralleonardo10@gmail.com.

analysis is placed, observing, albeit in a not very in-depth way, what may have led these individuals to organize themselves into a collective, based on class interests and/or assume individual leadership.

Keywords: Pellets; Civil-Military Dictatorship; Pelotas Commercial Association; Elites; Identities.

1. Introdução

Como ponto de partida é importante contextualizar o objeto de análise do presente artigo, o cenário do segundo governo Vargas e as sequências de ações políticas de Juscelino Kubistchek, Jânio Quadros e João Goulart incidiram em diversos setores da sociedade brasileira, levando a desdobramentos e apoio a um golpe que edificou uma Ditadura Civil-Militar no país. O período dos anos de 1950 a 1970 correspondem a esse cenário tencionado de mudanças e redirecionamentos. É dentro desse contexto que se articula famílias e grupos de elite da cidade de Pelotas-RS, em defesa dos seus interesses, tanto na esfera econômica como social, em um momento tensionado da história do Brasil.

É digno de nota, que esse grupo analisado tem sua constituição no século XIX, e que essa edificação histórica ainda pode ser entendida como “percussora” de seu apoio efetivo ao Golpe Civil-Militar acima, e as transformações feitas por João Goulart poderiam afetar seu lugar social, logo se posicionaram contrariamente. Dessa forma, é possível que essas elites estivessem em um cenário de busca pela manutenção de seu capital simbólico e financeiro em um processo de média duração no contexto brasileiro, o que permitirá também lançar luzes sobre práticas semelhantes em outros cenários sociais de nosso país.

Sendo assim, é necessário observar dois momentos, o primeiro referente ao ano da criação da Associação Comercial de Pelotas (ACP) que acontece em 7 de setembro de 1873, esse período é significativo para entender o processo que levou sua fundação e seus ideais, destacando ainda a primeira estrutura a fundar e organizar a instituição. Na sequência o intuito é verificar brevemente o contexto histórico, no momento de sua criação, bem como seu posicionamento frente ao período republicano, com as mudanças estruturais do governo varguista até a chegada do regime.

Ao longo de muitos anos a ACP se colocou como um centro de participação nas decisões e mudanças que ocorriam na cidade. Desde sua fundação em 1873 até 1942 permaneceu sem sede própria, passando por diversos locais, dentre eles Clube Caixeiral e Clube do Comércio, onde as reuniões aconteciam, esses espaços fossem interligados por seus membros, que

poderiam da mesma forma se fazerem presentes na diretoria da Associação, sendo inclusive esse um dos pontos a ser analisado pela pesquisa, buscando compreender os laços de ligação entre elites de diversos setores e agremiações. Tendo em perspectiva que essa condição de relações elitistas onde parte ou maioria se fez presente em vários setores da sociedade, é relevante apontar que,

Nos primórdios do século XX, a elite política coincidia bastante com as elites sociais, econômicas e intelectuais. Cada um porém, disponibilizou-se o acesso ao cargo público a indivíduos da classe média, de modo que a elite política não mais se sobrepuja tanto as outras. (CONNIFF, 2006, p.100)

A partir desses apontamentos, é possível destacar que as elites envolvidas no contexto pelotense carregam participações efetivas no setor político, econômico e intelectual. O estado do Rio Grande do Sul, tinha sua economia voltada para o campo, do mesmo modo que Pelotas se colocava como a principal produtora de charque, atividades que se concentravam na mão de poucas famílias ricas da cidade. Por outro lado, o casamento das mesmas condicionava o aumento de concentração de poder, nesse mesmo contexto a estrutura política até meados de 1930 era do Partido Republicano Rio-Grandense dominando o cenário, e com isso todos aqueles vinculados a essa agremiação recebiam maiores oportunidades na política regional.

Esse fator político é destacado por Jonas Vargas (2020, p.18) que indica que em meados de 1870, Pelotas cresceu ainda mais regionalmente, visto o número de presidências de províncias terem passado de 1 para 7 em um segundo período, sendo desse número a presença de dois dos mais ricos charqueadores da cidade, João Simões Lopes e Joaquim da Silva Tavares, que não tinham nenhum curso superior e nenhuma experiência política, e outros 5 que chegaram ao poder também eram de famílias charqueadoras.

Ainda destacando as estruturas das famílias charqueadoras de Pelotas, vale ressaltar uma descrição objetiva feita por Vargas, para ele,

Na base, ou melhor, nas localidades (no nível municipal, distrital ou paroquial), a política era dirigida por grandes proprietários de terra e de escravos, ricos comerciantes, e, no caso de Pelotas, os charqueadores, além de outros grupos com notável proeminência local, algumas vezes aparentados dos mesmos. Suas clientelas reuniam famílias e indivíduos na luta por cargos e na eleição dos candidatos de seus chefes. (VARGAS, 2020, p.24)

Seguindo essas considerações destacadas, vale ainda ressaltar uma análise de Josué Eicholz (2017), que aponta a presença de uma parcela da elite pelotense na participação em práticas caritativas. A partir de suas análises ele observou uma grande participação de charqueadores e comerciantes ricos como benfeitores, em instituições, sendo a principal o Asilo

de Mendigos que ao longo dos anos de 1888 a 1920, teve em sua listagem de maiores doadores nomes como Visconde da Graça, Barão de Jarau e Barão de Santa Tecla, Joaquim Augusto de Assumpção, Augusto Simões Lopes, Alexandre Cassiano do Nascimento, nomes importantes do cenário político e econômico de Pelotas. Além desses nomes um que chama atenção especial para esta pesquisa, é o do Coronel Urbano Martins Garcia, que em três oportunidades presidiu a Associação Comercial de Pelotas.

Ao destacar esses dois estudos, fica nítido que na passagem do século XIX para o XX, até pelo menos meados de 1930, as famílias da elite pelotense foram presentes em alguns setores da sociedade, senão diretamente que fosse se colocando efetivamente na atividade de algumas organizações políticas, de caridade e econômicas como no caso da ACP. Se ao longo desse período fica clara a participação em grande número, o mesmo não se pode definir a respeito de anos posteriores a República, a partir do governo varguista. Tendo em vista esse marco, é que o presente projeto se propõe a entender, se as configurações de uma elite expansiva e estável permanecem mesmo com claras mudanças estruturais promovidas por Getúlio Vargas.

A partir das considerações e uma breve explicação a respeito da temática é importante salientar alguns pontos, para compreender as condições relativas a um grupo principalmente nesse caso sobre uma elite é relevante trazer de encontrar aspectos sobre a prosopografia. No mesmo sentido, ao analisar um tema sobre personagens dentro de uma rede de relações as considerações a respeito de uma identidade e alteridades são extremamente relevantes para entender as motivações de uma organização em seus mais diversos componentes, como político, econômico e social.

Dito isso, é importante destacar algumas abordagens que vejo como ideias para a presente observação. Em um primeiro momento vale salientar considerações do trabalho intitulado *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais* (2014), organizados por Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward, que estruturam não somente sobre os principais conceitos, mas uma abordagem relevante sobre a questão social que se faz influente na relação ao tema aqui analisado, visto que é possível levantar debates acerca do tema identidade, e o direcionamento do presente artigo pretende aproximar de relações pontuais. Ainda destaco as perspectivas descritas por Richard Jenkins (2004) que aprofunda os aspectos relativos à organização em grupo e como esses fatores podem influenciar nas formações identitárias do coletivo.

Outro importante trabalho é o de Pierre Bourdieu (1990), que apresenta a partir de uma análise sociológica, as estruturas e condições para a formação de coletivos a partir de interesses, além das construções de identidades ao mesmo tempo que direciona o olhar para o diferente. A partir das condições brevemente apresentadas é que este sucinto artigo busca dialogar, entendendo que a identidade é complexa e pode estar presente para além das condições de somente diferenças macros de uma nacionalidade.

2. Os Coletivos e a Identidade

A partir da leitura de Jenkins (2004, p.5), fica estabelecido que identidade é aquilo que define quem é quem, quem somos e quem são os outros. Ainda na sequência o autor trás em seu trabalho uma citação de Barth (1969) que apresenta que a identificação e a coletividade seria subprodutos de transações e negociações de indivíduos para com seus interesses. Essas percepções vão de encontro ao objeto aqui estudado, pois ao analisar brevemente as fontes disponíveis como, atas de reuniões da diretoria, ainda que não seja uma fonte que apresente detalhes sobre cada indivíduo ali presente, ela evidencia uma variedade de atuações de cada um, se organizando a partir de uma Associação constituindo assim uma identidade a partir de uma formação social interessados em angariar aquisições, seja no âmbito individual e coletivo.

Even the apparently single-minded, calculative pursuit of material self-interest does not exist in isolation from organisational and other identifications – jobs, positions and reputations – and shared understandings of value and optimal behaviour that are informed by more abstract identity categories such as ‘rich’, ‘clever’ or ‘successful’.
(JENKINS, 2004, p.7)

O trecho acima destacado ressalta as bases que envolvem essa identidade organizacional estão interligados aos interesses individuais. Esses grupos podem ser relativos a emprego, cargos e reputações, como bem salienta o autor, contexto esse que leva a categorização e criação de diferenças, levando ao preconceito a diferentes setores da sociedade. Ao fazer um paralelo com os grupos formados dentro da Associação Comercial de Pelotas, com a observação as fontes, a entidade se colocava contrária a classe dos trabalhadores, em razão do que eles chamavam de defesa do empresariado pelotense, sabendo que a organização tinha indivíduos com posses ou interesses no cenário econômico e a cargos políticos, a ideia de apresentar uma visão completamente contrária a qualquer movimento operário, não apenas demonstrava o olhar de alteridade, como também o medo de perder os direitos e o status adquirido até àquela altura. Nesse sentido

Small-scale formal organisations may also be deeply implicated in the everyday construction of ethnic collectivity: sports clubs, religious congregations, schools, voluntary organisations, businesses and political party branches may all be significant in this respect. So, in local everyday experience, there is a three-dimensional experiential materiality to supralocal ethnic groups. They can be grasped and ‘seen’ without having to make any effort of the imagination. They are, in other words, ‘real’. Small wonder that people should believe in their existence. (JENKINS, 2004, p.11)

Ao observar a fala de Jenkins, ao citar algumas organizações construídas pela coletividade, em relação ao que objeto aqui discutido, fica clara a correlação entre alguns desses grupos em paralelo com a formação da ACP. Muitos dos indivíduos presentes na estrutura estavam do mesmo modo vinculados a partidos, a grupos do empresariado, a proprietários de terras, entre outros. Essa condição apresenta um demonstrativo que ao entrar no organismo da Associação, muitos daqueles indivíduos se viam ligados a outros grupos e com isso, constituindo uma identidade enraizada na sua atividade, porém teremos uma nova identidade, principalmente vinculada a interesses ao constituir uma organização que abarca grupos, indivíduos dessa elite, a autora Woodward, destaca do mesmo modo,

Os indivíduos vivem no interior de um grande número de diferentes instituições, que constituem aquilo que Pierre Bourdieu chama de “campos sociais”, tais como famílias, os grupos de colegas, as instituições educacionais, os grupos de trabalho ou partidos políticos. Nós participamos dessas instituições ou “campos sociais”, exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos. (WOODWARD, 2014, p.30)

Como bem destacado pela autora, as decisões de pertencimento a determinadas instituições ou campos sociais, vão ser de escolha individual de cada sujeito dentro da sociedade. Desse modo pensar que essa relação de se identificar ao mesmo tempo em que se busca diferenciar de determinado grupo ou indivíduo está ligada diretamente aos interesses, mais diretamente no presente caso, ao que a Associação Comercial pode se tornar como um suporte para conquistar em seu próprio benefício.

É importante, ao mesmo tempo pensar em uma abordagem sobre elites e sobre prosopografia, sendo assim é relevante destacar o trabalho de Flávio M. Heinz (2006), intitulado Por outra história das elites, onde ele em conjunto com outros pesquisadores faz um apanhado sobre as mudanças dentro da historiografia, até chegar as percepções atuais. Tão logo na introdução da obra, o autor destaca a apropriação da noção de elite pelo historiador, além de aspectos relacionados a prosopografia ou biografia coletiva. Na primeira condição ele destaca que a partir de uma,

(...) microanálise dos grupos sociais, da diversidade, das relações e das trajetórias do mundo social. (...) trata-se de compreender, através da análise mais “fina” dos atores

situados no topo da hierarquia social, a complexidade de suas relações e de seus laços objetivos com o conjunto ou com setores da sociedade. (HEINZ, 2006, p.8)

Nesse mesmo sentido e por ter recolocado os estudos das elites dentro do cenário da historiografia é a análise prosopográfica, que para o Heinz (2006, p.9) esse método busca revelar características comuns de um grupo social em um período histórico, dentro disso as biografias coletivas traçam perfis sociais de determinados grupos, profissões e coletividades históricas. Compreendido brevemente essas condições fica claro a importância da metodologia na pesquisa em questão, bem como compreender os traços de grupo social de elite dentro do seu contexto, ao analisar a elite pelotense dentro do período proposto torna-se imprescindível a metodologia prosopografia ou das biografias coletivas, pois elas ajudaram não somente a compreender o perfil desses indivíduos como observar as relações com demais grupos sociais da sociedade pelotense.

Voltando a pensar na questão do grupo, vale destacar a obra *A Lógica da ação coletiva*, do autor Mancur Olson, que traz aspectos que vão de encontro com a problemática proposta de compreender como se dava essa organização no seu interior, e as relações do coletivo para o bem individual e coletivo. Em alguns trechos do seu trabalho, Olson (2015, p.48) destaca que, um dos principais questionamentos sobre a análise de grupos pequenos é que cada indivíduo ali existente, pode ser capaz de proverem-se de um benefício coletivo por pura e simplesmente por causa da atração individual que o benefício tem para cada um. Ele ainda ressalta que quanto maior for um grupo, a parcela de ganho para cada integrante será menor, conferindo assim que aquelas organizações menores tendem nas palavras do pesquisador proverem seus interesses comuns de um modo melhor que os grupos grandes.

Ainda vale retomar os processos que envolvem a configuração de formação de grupos, principalmente relativo a uma instituição que se forma com forte intenções elitistas que vai se movimentar em oposição aos interesses de tudo aquilo que não fosse da elite. Como descreve Bourdieu (1990)

A luta das classificações é uma dimensão fundamental da luta de classes. O poder de impor uma visão das divisões, isto é, o poder de tornar visíveis, explícitas, as divisões sociais implícitas, é o poder político por excelência: é o poder de fazer grupos, de manipular a estrutura objetiva da sociedade. (BOURDIEU, 1990, p.155)

As colocações feitas por Bourdieu destacam algumas considerações que são importantes, ao relacionar com o contexto da Associação. Como uma primeira possibilidade, a ACP desde seus primeiros momentos de criação se constituiu como uma forte influência na sociedade, principalmente por formar em seu interior nomes que naquele período eram

considerados da alta elite pelotense, por esse motivo exerciam uma forte presença na sociedade, fazendo com que diversas atividades recebessem a pressão da entidade, principalmente por muitos agentes dos diferentes segmentos participarem da instituição. Por outro lado, por contar com indivíduos de locais como polícia, mantinham influência para reprimir manifestações grevistas.

As variedades da presença dessa elite também são importantes ser destacada, onde a pesquisa de Sandra Maria do Amaral (2005), ajuda a observar no em um recorte do Estado Novo. Para ela Um grande assunto destacado pela pesquisadora diz respeito a presença dessa elite participando de organizações de cunho cultural, econômico, médico, entre outras, essa observação se torna extremamente importante ao considerarmos o eixo central da pesquisa aqui proposta, dentro do arranjo analisado pela autora, não haviam nenhum ligado a organização econômica, a grande maioria entre os anos de 1930 a 1937 incidia em instituições culturais, como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), e Academia de Letras.

Dentro desse primeiro período a autora considera uma diminuição das antigas elites, e que essa mudança se aprofunda ainda mais com o Estado Novo e a indicação de interventores. Porém, ressalta que a elite se mantém ou que se origina nesse momento é vinculada a eixos como o militar, estancieiro e político, do mesmo modo que os políticos do período Estadonovista surgem com um grau bastante avançado, com cerca de 80% tendo algum curso superior. Uma colocação feita por Amaral (2005, p.156) é que a pelas atividades profissionais dos representantes serem heterogêneas, eles se mostravam pouco coesos, não apresentando propostas para os segmentos sociais que pertenciam. Ainda mais a frente em seu texto a autora destaca que o número de representantes da região em que Pelotas estava inserida cai de modo bastante representativo a partir de 1937, chegando a ter somente 5 entre 1945-1947, sem uma indicação de haver um pelotense de fato.

As percepções feitas pela autora, são relevantes pois atenuam as redes de participação que muitos integrantes da elite tinham. Esse fator deixa explícito a grande ligação de contatos que esses indivíduos tinham, em um momento anterior foi citado o trabalho de Eicholz que dialoga de modo direto com as considerações de Amaral, pois esses sujeitos tinham não só a intenção de se organizar em grupos para alcançar mais privilégios, como também desempenhar funções em instituições de caridade, de saúde e de cultura, buscavam assim ampliar sua visibilidade e status social.

3. Conclusões

A partir das breves considerações apresentadas ao longo desse artigo, se buscou contextualizar e observar as relações entre indivíduos, formando uma unidade organizacional da elite pelotense. A Associação Comercial de Pelotas, representou por um longo período uma importante organização em prol de uma elite que se perpetuou ao longo dos anos, desde um aspecto familiar, do mesmo modo que compreendia em sua estrutura os diferentes campos do empresariado da cidade.

Compreendendo que a ACP foi formada por indivíduos das mais diversas frentes é que é possível fazer essa relação de formação identitária, principalmente vinculada aos interesses pessoais. Se por um lado havia uma forte rede, onde um indivíduo se fazia presente envolvido em diversas atividades, seja de cunho político, econômico, social e cultural, por outro havia o interesse em formar um coletivo que fosse de fato relevante para adquirir mais vantagens para o grupo formado, mas também de desejos individuais.

Ao dialogar alguns autores sobre as possibilidades de pensar a identidade, alteridade e a formação de grupos, fica claro que mesmo não sendo possível aprofundar algumas abordagens que tratam identidade a partir temáticas sobre a pertencimento de local, ou questões étnicas, foi possível compreender algumas condições estabelecidas. Em suma, a presente observação extraiu considerações de que a elite presente na Associação Comercial, pode ter de fato se formado e constituído uma identidade a partir de interesses e que esses indivíduos ali presentes também podiam se organizar em outros grupos e se criarem uma identidade seja também por interesse ou por se identificar com os ideais, do mesmo modo que a força que aquele grupo mantinha levava a uma forte influência na cidade.

Referências

AMARAL, Sandra Maria. *O Teatro dos Poderes: As elites políticas no Rio Grande do Sul na vigência do Estado Novo*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre, p.344, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *"Espaço social e poder simbólico"*, In: Pierre Bourdieu, *Coisas ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CONNIFF, Michael F.. *A Elite Nacional*. In: HEINZ, Flávio M.(org). Por outra história das elites. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.99-122.

DACANAL, José Hidelbrando; GONZAGA, Sergius (org). *RS: Economia & Política*. 1. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

EICHOLZ, Josué. *A elite pelotense e as práticas caritativas (1880-1920)*. In: LOPES, Aristeu; VARGAS, Jonas Moreira. Capítulos de História de Pelotas . 1. ed. Porto Alegre: Casalettras, 2020. p. 51-66.

HEINZ, Flávio M.(org). *Por outras história das elites* . 1. ed. Rio de Janeiro : FGV, 2006.

JENKINS, Richard. *Social Identity*, 2 ed. Londres: Routledge, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*, Ed. Vozes, 2014.

OLSON, Mancur. *A lógica da ação coletiva*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

PAULA, Débora Clasen ; VARGAS, Jonas Moreira. *Pelotas e as Elites do passado no Álbum de Pelotas*. In: ALMEIDA, Guilherme de; DILLMANN, Mauro; LOPES, Aristeu. Centenário do Álbum de Pelotas: de 1922: fotografias, memórias e história. 1. ed. Porto Alegre: Casalettras, 2022. p. 75-82.

VARGAS, Jonas M.. *Os Barões do charque e suas fortunas: Um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, século XIX)*. 1. ed: Oikos, 2016.

VARGAS, Jonas M. “No tempo dos Barões” *A elite política pelotense no período do auge das charqueadas escravistas (1850-1889)*. In: LOPES, Aristeu; VARGAS, Jonas Moreira. Capítulos de História de Pelotas . 1. ed. Porto Alegre: Casalettras, 2020. p. 12-31. AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. *Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo: Iglu, 2001. 386 p. (Obra completa)